

LEXICON ICONOGRAPHICUM MYTHOLOGIAE CLASSICAE II, Aphrodisias-Athena 2 vols. in - 4^o, encadernado. Vol. 1: texto, XXII – 1112 págs. . vol. 2: pranchas, 904 págs. com 815 pranchas. Artemis Verlag, Zurique/Munique, 1984.

Res. por Haiganuch Sarian, MAE/USP

Em 1981 foi publicado o tomo I do **Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae** (LIMC); o tomo II é editado em 1984, conforme um programa rigoroso de produção científica, organização e administração das equipes de pesquisa em nível internacional. Ritmo e resultado surpreendentes, para não dizer mesmo miraculosos, que devemos atribuir ao trabalho, inteligência, competência e dedicação de Lilly Kahil. Se o tomo I foi alvo de comentário e análises favoráveis por parte de especialistas dentre os melhores da atualidade, com muito mais razão se festejou o LIMC II. O primeiro da série abrange os artigos **Aara – Aphlad** e destaca, seguindo a ordem alfabética dos nomes mitológicos adotada pela obra, figuras que com raras exceções não se situam dentre as mais importantes do panteão clássico. Privilegia, por certo, a iconografia heróica, por exemplo, referente a **Achilleus** e **Agamemnon** ou, então, as **Amazones** (ver notícia por nós publicada em **Humanitas**, XXXV – XXXVI, Coimbra, 1984, págs. 441-443); entretanto, por coincidência e decorrência dessa mesma ordem alfabética, o tomo II oferece espaço para as grandes divindades da mitologia clássica. De um total de 114 artigos, menos numeroso portanto o LIMC I, apresenta algumas rubricas que equivalem a verdadeiras monografias, tal é a importância e a extensão da documentação imagética dessas divindades. Assim é que, num só tomo, dispomos da iconografia de deuses do porte de Afrodite, Apolo, Ares, Ártemis, Asclépio e Atena.

Às qualidades próprias do tomo I soma-se a excelência do tomo II, confirmando desse modo que essa obra preenche, de longe, a lacuna na bibliografia científica sobre o assunto, e que ela chegará ao término (tomo VII/Zeus) cumprindo o padrão do mais alto nível.

No seu aspecto material, ressalta-se a perfeição da impressão e da ilustração. O texto se apresenta em duas colunas, as imagens ora são desenhos inseridos no volume de texto, ora são fotografias impressas no volume de pranchas. Todas as ilustrações são em branco e preto, com uma rara exceção neste tomo II, onde o frontispício em cores reproduz excepcional mosaico descoberto em 1982 na Jordânia e datado de meados do séc. VI d.C., com as figuras de Afrodite, Adônis, Cártes e Eroses, todas elas identificadas com inscrições gregas. Os artigos são redigidos nas quatro línguas modernas consideradas de conhecimento fundamental entre os estudiosos da Antiguidade Clássica, francês, inglês, italiano e alemão, à escolha dos autores, que somam a 66 especialistas originários de uns quinze países de todas as partes.

O caráter internacional dessa obra não transparece apenas no elenco de países representados entre os autores. Todo o programa do LIMC, desde o levantamento da documentação iconográfica clássica (grega, etrusca e romana), conservada em todos

os museus e coleções particulares do mundo até o seu controle científico, depende de uma verdadeira organização internacional, cujo funcionamento e atribuições são indicados nas páginas introdutórias (V-XII). Há que destacar, em primeiro lugar, o alto patrocínio de entidades científico-culturais européias como a Union Académique Internationale (Bruxelas), Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines (Paris), Association Internationale d'Études du Sud-Est Européen (Bucareste), Unesco (Paris) e Commission Internationale de Numismatique (filiada ao Comité International de Sciences Historiques – CISH). Acrescenta-se o apoio financeiro de vinte e três instituições acadêmicas e outras, pertencentes a 16 países reunidos em torno do Conseil de Fondation, sediado em Basileia e cujo Presidente, Nikolaos Yalouris, é o autor do prefácio (p. VII) no qual ressalta o apoio moral e financeiro dos diversos países, incluindo a Grécia, através não só de seu governo e instituições como também de doadores particulares, auxílio indispensável "pour l'avancement des études classiques et par là même pour l'humanisme en général".

Devemos privilegiar também o Comité de Rédaction composto de especialistas dentre os melhores em iconografia clássica, e que não funciona em absoluto como mero quadro honorífico, mas que interfere efetivamente, quando necessário, no trabalho dos autores: J.-Ch. Balty (Bruxelas), J. Boardman (Oxford), Ph. Bruneau (Paris), F. Canciani (Roma), L. Kahil (Paris/Friburgo), V. Lambrinoudakis (Atenas), E. Simon (Heidelberg).

No "avant-propos" (págs. VIII-XII), Lilly Kahil, Secretária Geral do LIMC, particulariza a composição dessa organização internacional que inclui ainda um Comité Scientifique composto de estudiosos de 34 países, incluindo o Brasil, e, por fim, discrimina o funcionamento administrativo e técnico, documental e arquivístico do programa distribuído em três centros, Paris, Heidelberg e Basileia, situando-se nessa cidade a Rédaction Centrale do LIMC cujo sucesso, disciplina, excelência científica e técnica devem muito aos arqueólogos e filólogos suíços e alemães.

Além de uma organização internacional sólida e de uma administração eficiente, o programa do LIMC tem atuado com base numa orientação científica, instituída, aperfeiçoada e divulgada entre os autores desde o início de suas atividades em 1973. Para tanto, além de freqüentes reuniões do Comité de Rédaction e das reuniões bienais do Comité Scientifique International, foram publicados alguns boletins contendo instruções e normas a serem seguidas pelos pesquisadores encarregados da elaboração dos artigos. Um destes boletins, publicado na sua última edição em 1981 e regularmente atualizado através de folhas avulsas de suplemento, reúne as abreviações bibliográficas de que se servem os autores: LIMC, *Abréviations*, Artemis Verlag, Zurique/Munique, 1981, págs. 1-40, comodamente reproduzidas nas páginas introdutórias do LIMC I, 1 e acrescidas de um *Suplemento* nas págs. XV-XIV do LIMC II, 1. Essas abreviações concernem todo tipo de referência bibliográfica incluindo edições das fontes escritas e arqueológicas cujas simples enumeração permite avaliar a rigorosa erudição indispensável a esse tipo de pesquisa e que permeia passo a passo os inúmeros artigos do *Lexicon*. A. Abreviações dos repertórios de textos antigos (fragmentos, inscrições,

papiros, léxicos, etc.), de autores gregos e latinos; B. Abreviações de revistas e periódicos num total de 368 títulos; C. Abreviações de obras, com especial atenção à publicação sistemática das fontes da cultura material, mas também incluindo outros estudos sobre a mitologia, religião e arte do mundo antigo.

O rigor na indicação das referências de fontes textuais e bibliografia acompanha também a publicação do elenco das ilustrações no volume de texto, com a citação das obras de que foram extraídas (págs. XVIII-XXII) e, no volume de pranchas (págs. 816-904), um índice relaciona todas as fotografias publicadas com a menção dos locais em que os objetos estão conservados (museus, coleções, sítios arqueológicos, etc.), bem como a origem das fotografias seguidas do seu número de classificação.

Normas também foram estipuladas no tocante à estrutura dos artigos, a qual parte de alguns pressupostos metodológicos claros concernentes aos objetivos da obra divulgados em inúmeras revistas, colóquios, congressos e registrados no texto introdutório de Lilly Kahil do LIMC I do qual ressaltamos o essencial em nossa resenha acima citada, escrevendo à pág. 441: "O objetivo desta obra é de sistematizar os nossos conhecimentos na área da iconografia mitológica clássica, nos limites cronológicos situados entre o final do período micênico e o início do período paleocristão. Obra inovadora, compreende não apenas a iconografia grega, etrusca e romana, mas também a iconografia periférica, isto é, das regiões helenizadas ou romanizadas. Acentua essencialmente o estudo das imagens e de sua evolução, com base em todo o tipo de documentos figurativos, esculturas e relevos, vasos pintados, mosaicos, moedas, etc. Recorre com frequência às fontes escritas referentes às representações imagéticas dos mitos. Desse modo, é uma obra que interessa aos especialistas da Antiguidade Clássica, incluindo arqueólogos, filólogos, historiadores, historiadores da arte, filósofos, historiadores da religião; interessa também a todas as pesquisas que valorizam a imagem como forma de expressão no decorrer dos tempos, até a época contemporânea".

Dentro desta perspectiva e para atingir seus objetivos, foram publicados outros boletins contendo orientações aos autores, o primeiro deles e, sem dúvida, o mais importante, datado dos inícios do programa: LIMC. **Directives aux auteurs / Articles modèles**. Artemis Verlag, Zurique/Munique, págs. 3-20, 2 pranchas, contendo o principal da metodologia desse **Lexicon**, igualmente reproduzida nas páginas introdutórias do LIMC I (cf. págs. XV-XXX longo texto de Lilly Kahil, repetido nas quatro línguas adotadas pelo LIMC). Vale a pena determo-nos na exposição da estrutura dos artigos, conforme as normas estabelecidas para o LIMC, como preâmbulo ao comentário que se seguirá a respeito dos mais importantes verbetes publicados no LIMC II.

Os artigos, que em muitos casos são verdadeiras monografias ou livros pela sua extensão, dividem-se em quatro partes: I. Introdução, II. Bibliografia, III. Catálogo IV. Comentário.

I. **Introdução**. Comporta a indicação dos nomes da figura mitológica, em grego, etrusco e latim, incluindo todas as formas existentes (por exemplo, no Linear B micênico, se for o caso, nas inscrições, etc.); nos casos de sincretismos, assimilações ou

identificações regionais nas áreas periféricas ao mundo clássico, as denominações são indicadas onde há o tratamento específico dessas entidades ou heróis. Seguem-se a definição da figura mitológica e a descrição dos temas com elas relacionados, bem como a menção das principais referências literárias quando essas são importantes para o estudo iconográfico.

II. **Bibliografia.** Trata-se apenas da bibliografia geral sobre a figura mitológica ou estudos de história da religião e de mitologia em que essas figuras recebem uma abordagem particularizada. Todas as obras de referência aos objetos são citados no **Catálogo** ou no **Comentário**.

III. **Catálogo.** Propõe-se logo no início um plano desse catálogo com suas várias divisões e subdivisões. O catálogo propriamente dito é uma parte substancial do artigo, e apesar de ser estabelecido com rigor não se pretende que seja exaustivo. É portanto seletivo desde que se indiquem todos os tipos iconográficos e suas variantes, bem como todas as categorias de objetos que representam as figuras mitológicas. A descrição dos objetos nos catálogos segue normas estritas que uniformizam os vários artigos do LIMC, funcionando como **uma publicação sistemática dos objetos enquanto suportes ou expressões de imagens**. Nesse sentido, ela é vista de um ângulo estritamente iconográfico. São portanto indicados: a) o tipo de objeto, forma e lugar de fabricação; b) as referências museográficas; c) o local de achado; d) uma bibliografia seletiva, com as obras básicas de referência, o estudo mais recente e melhor documentado e também a melhor ilustração; e) a cronologia e o nome do seu proponente; f) a descrição compreendendo apenas a indicação das figuras mitológicas representadas, seguida de sua ação e particularizando a figura principal tratada no artigo.

IV. **Comentário.** Não segue normas tão estritas quanto o catálogo mas de uma maneira geral pretende-se que seja essencialmente iconográfico e fundamentado nos documentos mencionados no catálogo. Nesse, os objetos seguem uma ordem iconográfica, considerando sucessivamente os episódios da vida do personagem mitológico em questão; o comentário segue a ordem cronológica dos objetos tomados como documentos que transmitem a imagem. Assim, apesar de inúmeras variações no tratamento dessa parte do artigo, são comuns os seguintes itens: a) indicação do surgimento das primeiras representações da figura mitológica; b) tanto quanto possível mostram-se as relações entre a imagem e a tradição literária ou entre a imagem e a prática cultural, mas tomando a imagem como ponto de partida e utilizando tradição literária ou prática cultural apenas para reforçar a compreensão do desenvolvimento iconográfico; c) ressalta-se a diferença dos temas iconográficos na área grega, etrusca e romana, ou ao contrário sua convergência; d) finalmente, pode-se evocar a repartição geográfica dos temas iconográficos e colocá-los em relação com a distribuição espacial dos santuários, ou cultos, ligados aos mesmos personagens divinos ou heróicos.

Essas normas caracterizam no geral todos os artigos do LIMC, havendo, entretanto, aqui e ali algumas modificações, adaptações ou mesmo inovações dependendo de exigências às vezes do próprio tema abordado outras vezes da orientação intelectual do autor. À parte essas ressalvas, os princípios que preconizam a estrutura dos ar-

tigos são respeitados, dando como resultado uma obra homogênea, de fácil leitura e compreensão.

Diffícil seria resenhar todos os artigos do LIMC II. Assim sendo e para fazer justiça aos temas mais importantes, julgamos necessário destacar as figuras mitológicas mais significativas no plano do panteão clássico e da iconografia: não há dúvida de que merecem relevo os artigos sobre três grandes divindades femininas – **Aphrodite, Artemis, Athena** e duas divindades masculinas situadas também entre as maiores – **Apollon, Ares**. Algumas subdivisões foram adotadas para o tratamento das diversas formas regionais desses deuses, conforme as normas gerais que regem o **Lexicon**, isto é, a documentação grega seguida da etrusca e da romana; a iconografia das regiões periféricas do mundo oriental tratada logo depois da parte grega; das regiões ocidentais, depois da parte romana.

Essas subdivisões, cobrindo áreas específicas do saber arqueológico e histórico, exigiriam a colaboração de diferentes autores, abrindo ainda mais o leque da participação internacional. Convém lembrar que a iconografia mitológica das áreas periféricas da cultura grega, etrusca e romana, bem como as questões referentes à projeção da imagem grega em outros contextos, como o mundo etrusco e romano, inspirou, como preparação, questionamento e reflexão ao programa do LIMC, dois colóquios internacionais realizados em Paris, resultando nas duas publicações cuja complementaridade ao **Lexicon** é indiscutível: Kahil, Augé, (dir.), **Mythologie Gréco-Romaine, Mythologies Périphériques. Études d'Iconographie**. Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1981. Kahil L. Augé, Chr. Linant de Bellefonds, P., (dir.), **Iconographie Classique et Identités Régionales. Bulletin de Correspondance Hellénique. Supplément XIV**. Diffusion De Boccard, Paris, 1986.

Deixando o artigo **Aphrodite** para um comentário a ser feito logo em seguida, destaquemos por exemplo que **Apollon** é acompanhado do verbete **Aplu** (iconografia etrusca) e **Apollo** (iconografia romana); **Artemis** se subdivide em pequenas entidades locais da Ásia Menor (como **Artemis/Anaitise** e a expressiva **Artemis Ephesia**, para ser tratada depois como **Artumes** (no mundo etrusco) e **Diana** (no mundo romano); do mesmo modo, **Athena** se desenvolve em **Athena/Menerva** (representações etruscas) e **Athena/Minerva** (identificação romana), com importante texto sobre a iconografia de **Minerva** na África e na Gália; **Ares** se subdivide principalmente em **Laran** (Etrúria) e **Mars** (Roma).

Além dessas grandes divindades, alguns verbetes do LIMC II são dedicados a figuras menos expressivas iconograficamente. Mas de porte médio, merecem destaque **Asklépios, Astyanax** e **Atalanta**, todos os três substanciosos estudos. Não passaram despercebidas entidades mitológicas ou alegorias que tiveram rara expressão imagética: por exemplo, **Arete**, alegoria do valor militar e moral, é figurada em apenas quatro documentos. **Arish**, deus púnico da guerra, é representado só uma vez.

Se a estrutura dos artigos obedece, de modo geral, a um programa definido, no conteúdo as variações são mais frequentes. Com exceção do catálogo, onde predomina uma linguagem resumida ao essencial e acompanhada de abreviações, sinais gráfi-

cos e pontuação de acordo com as normas pré-estabelecidas, outros capítulos são tratados com mais flexibilidade, o que aliás, não perturba o conjunto da obra. Sem contar particularidades lingüísticas, graças à utilização de quatro línguas diferentes, a orientação científica dos autores e suas preocupações intelectuais interferem também no tratamento ora da introdução ora da bibliografia ora do comentário. Nesta parte, principalmente, pode-se verificar que há um equilíbrio refletindo ao mesmo tempo um conhecimento em iconografia/história da arte/ prática cultural como transparece no artigo *Arthemís* (Lily Kahil). Entretanto esse equilíbrio não é percebido em artigos como *Athena* (P. Demargne) onde aspectos de história da religião parecem se sobrepor demasiadamente à expressão artística e imagética dessa deusa; do mesmo modo, no estudo sobre *Asklepios* (B. Holtzmann) é o historiador da arte que abafa o estudioso da iconografia; situação oposta se vê em *Ares* (Ph. Bruneau) onde a análise da imagética e as questões que dela decorrem são essenciais e assumem toda a sua importância.

No que concerne *Aphrodite*, não podemos deixar de nos surpreender com a riqueza da documentação iconográfica, bibliográfica e textual. Seu principal autor, para a parte grega, A. Delivortas, teve a colaboração de G. Berger-Doer e A. Kossatz-Deissmann. O texto é longo, compreendendo 174 páginas em duas colunas, 170 páginas de pranchas e 1570 números no catálogo referentes apenas à Afrodite grega. Entretanto não se apresentou o comentário como capítulo à parte; os autores preferiram inserir pequenos textos introduzindo séries de tipos iconográficos no interior do próprio catálogo. Por outro lado, após o estudo da Afrodite grega, esperava-se a iconografia de *Venus*, o que estaria conforme as regras do LIMC, mas ela é curiosamente remetida à pág. 176 para o LIMC III, *Addenda*.

Apesar desses deslizes de carácter estrutural, a substância é notável. São muitas as subdivisões de acordo com as várias denominações regionais. Assim sendo, temos às págs. 151-154 *Aphrodite/Aphrodisias*, hipóstase local da deusa em *Aphrodisias* da Cária, tratada por R. Fleischer e, do mesmo autor, *Aphroditai Kastnietides*, também denominação local da deusa em *Aspendos* da Panfília. M.-O. Jentel apresenta um texto muito significativo sobre *Aphrodite* (in *Peripheria Orientali*) às págs. 154-166, com 246 números no catálogo, deixando para F. Zayadine o estudo particular de *AFUzza*, a deusa árabe assimilada a Afrodite na Nabatéia. Finalmente, essa rubrica sobre a iconografia de Afrodite e suas identificações regionais termina com a primorosa participação de R. Bloch (e a colaboração de N. Minot) que trata de *Turan*, a Afrodite no mundo etrusco.

Os documentos publicados são de grande parte inéditos ou pouco conhecidos ou mesmo de difícil acesso. Reunidos como estão nesses dois volumes (texto e pranchas), permitem um estudo comparativo que não deixa de ter sua importância, não só no interior de um mesmo artigo como também de um verbete o outro. Vale lembrar as interessantes aproximações possíveis entre representações anicônicas e expressões hermaicas de divindades, sem contar os vários *xoana*, formas primitivas das figu-

rações divinas, para citar apenas alguns exemplos. Uma reunião de tal porte, destacando as várias categorias de objetos, permite uma compreensão melhor das representações em suportes de natureza e função bastante diferenciadas, de modo a captar em profundidade o significado dessas imagens também em contextos diferentes: uma imagem não evoluirá do mesmo modo na pintura cerâmica, na estatuária, nos mosaicos, nas moedas. Só um levantamento tão rigoroso da iconografia mitológica clássica pode permitir a abertura para novas orientações de estudo e de interpretação nessa área. Além do seu valor inestimável como tesouro documental, essa obra permanecerá como uma referência indispensável ao progresso do conhecimento sobre as mais significativas formas de expressão da cultura e da mentalidade no mundo antigo: arte, imagem, mito e religião.